

A redução do gerúndio à luz da Fonologia Lexical

(The reduction of the gerund by the Lexical Phonology)

Jesuelem Salvani Ferreira¹ e Luciani Tenani²

^{1,2}Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

jesuelem@gmail.com, lutenani@unesp.ibilce.com.br

Abstract: In this paper, it is described the behavior of the gerund morpheme “-ndo” in spoken language of São José do Rio Preto (SP). It is identified a process of reduction or assimilation of “-ndo” to “-no”, as can be accomplished in "fala[nu], come[nu]" In this work it is analyzed this phenomena following the Lexical Phonology.

Keywords. lexical phonology; gerund; assimilation.

Resumo: Neste artigo, descreve-se o comportamento da forma “-ndo”, morfema de gerúndio, em dados de uma variedade falada no dialeto de São José do Rio Preto (SP). Por meio de um processo de redução ou assimilação, “-ndo” pode ser realizado como “-no”, por exemplo, “fala[nu], come[nu]”. Nesse trabalho, é feita uma análise desse fenômeno fonológico à luz da Fonologia Lexical.

Palavras-chave. Fonologia Lexical; gerúndio; assimilação.

0. Introdução

Este trabalho apresenta uma análise morfofonológica das formas variantes “-ndo” e “-no” de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto (SP), à luz da Fonologia Lexical (FL), fundamenta-se nos modelos de Kiparsky (1985) e Lee (1995). Nosso objetivo é de fornecer argumentos a favor de uma proposta de léxico segmentado em níveis, por meio dos quais é possível articular uma interação entre a morfologia e a fonologia.

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos a teoria da Fonologia Lexical (FL) e os princípios da FL; na seção 2, analisamos a forma “-ndo”; na seção 3, fazemos as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

1. Fonologia Lexical

A FL é caracterizada pela interação entre a morfologia e a fonologia. Kiparsky (1985 *apud* LEE, 1995), ao analisar o inglês, diz que o léxico de uma língua está organizado em uma série de níveis, que são os domínios para regras morfológicas e fonológicas. O autor propõe quatro princípios básicos para a FL, a seguir brevemente explicitados:

1. Hipótese de Domínio Forte (HDF): segundo essa hipótese, todas as regras fonológicas aplicam-se no nível mais alto do léxico.

2. Preservação da Estrutura (SP): por esse princípio, prevê-se que somente os segmentos contrastivos da representação subjacente (fonemas) de cada língua podem

ocorrer durante as operações lexicais, de modo que a SP determina os tipos de regras fonológicas que podem se aplicar no léxico.

3. Condição de Ciclo Estrito (SCC): esse princípio funciona como um bloqueio na aplicação das regras, ou seja, as regras fonológicas cíclicas, ou seja, lexicais, aplicam-se somente em cada ciclo próprio – o ambiente derivado.

4. Hipótese de Referência Indireta (HRI): por meio desse princípio, explica-se a falta de isomorfia entre as estruturas morfológicas e fonológicas, introduzindo a noção de domínio prosódico, ou seja, as regras fonológicas aplicam-se no domínio prosódico, não no domínio morfológico.

Lee (1995), em sua tese de doutorado, ao analisar dados do Português Brasileiro (PB), assume que há dois níveis ordenados: nível derivacional (α) e nível flexional (β), que funcionam como domínios da aplicação de regras fonológicas e morfológicas, respectivamente. Seguindo o que propõem Kiparsky (1985), o autor mostra que, no PB: 1º) há dois tipos de compostos: composto lexical e composto pós-lexical; 2º) as regras lexicais sujeitam-se aos princípios da Fonologia Lexical, tais como: o Princípio de Preservação de Estrutura e a Condição de Ciclo Estrito, ao passo que as regras pós-lexicais não se sujeitam a tais princípios; 3º) em relação ao acento primário, há duas regras distintas: uma para o não-verbo, que se aplica no nível derivacional (α); outra, para o verbo, que se aplica no nível flexional (β). 4º) o acento secundário aplica-se no nível da palavra prosódica (ω).

Na FL, há dois tipos de regras fonológicas: as regras lexicais, as quais se aplicam no léxico; e as regras pós-lexicais, que se aplicam na saída da sintaxe, ou seja, fora do léxico. Lee (1995) propõe o seguinte modelo da FL do PB:

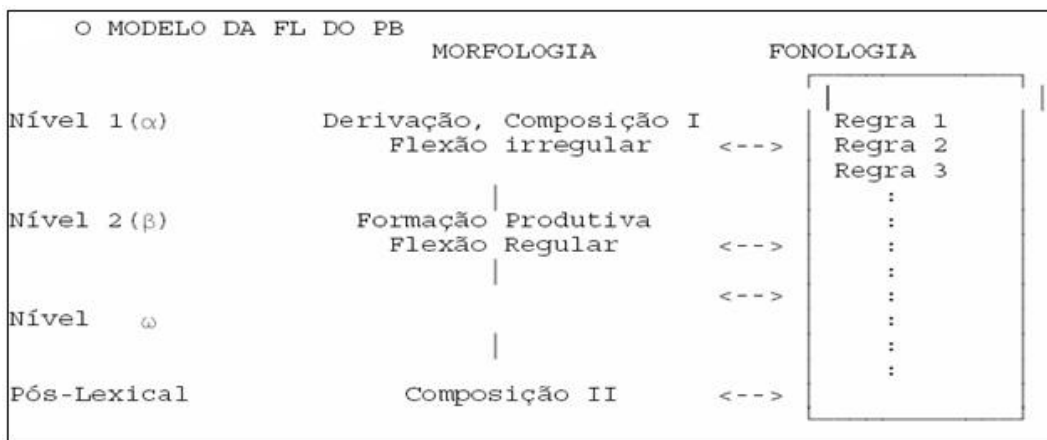


Figura 1: Modelo da FL do PB

O modelo proposto por Lee, representado na figura 1, mostra que há apenas um componente fonológico – em que há regras lexicais e pós-lexicais. O autor justifica que a postulação desse modelo deve-se à hipótese assumida sobre a interface entre a fonologia e a morfologia. Assim, segundo esse modelo, cada nível funciona como um domínio prosódico da aplicação das regras fonológicas e morfológicas (cf. LEE, 1995).

Segundo Lee (1995), o nível 1 (α) inclui todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição aos quais se podem acrescentar os sufixos derivacionais. Veja em (1):

- (1) a. [feliz], [[felic]idade]
b. [descobrir] [descoberta]
c. [[rádio-tax]ista], [[puxa-saqu]ismo]

(LEE, 1995, p. 12)

O nível 2 (β) inclui a flexão regular do verbo e do não-verbo (número) e a formação produtiva do português, como as formações de diminutivo (“-inho”, “-zinho”), advérbio (“-mente”) e grau (“-íssimo”), como exemplificado em (2):

- (2) a. falo, falava
b. flor, flores
c. cafezinho,

(LEE, 1995, p. 12)

O nível ω (palavra prosódica) é a saída do léxico e a entrada para a sintaxe. Nesse nível, a aplicação da regra é não-cíclica e não afeta as operações morfológicas, esse nível pertence ao componente pós-lexical.

Desse modo, conforme prevê esse modelo, a flexão de gerúndio, objeto de nossa reflexão, está no nível 2 (β), pois aí inclui-se a flexão regular do verbo.

Seguindo esse modelo, procuraremos, na próxima seção, tratar das características: dos níveis do léxico, em particular a de gerúndio e dos domínios de aplicação da regra de assimilação. Além disso, pretendemos esclarecer os critérios para a distinção das regras lexicais e pós-lexicais no português.

2. A forma “-ndo” e a FL

Para esse trabalho, foram utilizados inquéritos de fala espontânea analisador por Ferreira (2007). Os inquéritos foram extraídos do Banco de Dados IBORUNA (disponível em: www.iboruna.ibilce.unesp.br), que contém amostras de fala do Português falado na região de São José do Rio Preto (SP). Esse banco é composto de dois tipos de amostra de fala: Amostra Comunidade (ou Amostra Censo), AC, que reúne 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente, e Amostra de Interação Dialógica, AI, que reúne amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social. Em nossa pesquisa, utilizamos apenas inquéritos da Amostra Censo.

As amostras censo são provenientes de sete cidades do noroeste paulista, a saber: São José do Rio Preto, Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol e Onda Verde. Para a coleta das amostras, os informantes foram estratificados em: (i) sexo/gênero (masculino/feminino), (ii) faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; mais de 55 anos), (iii) nível de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental; 2º Ciclo de Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior); e (iv) renda familiar (mais de 25 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; até 5 salários mínimos).

Além do perfil social determinado pelo intercruzamento dessas variáveis, os informantes do censo lingüístico são nativos de cidades abrangidas pelo banco de dados ou residem em uma delas desde pelo menos os cinco anos de idade.

Para a coleta dos dados foi realizada a gravação de uma entrevista, durante a qual cada informante, em aproximadamente uma hora, produz cinco tipos de texto oral: (i) *narrativa de experiência pessoal*; (ii) *narrativas recontadas*; (iii) *texto descritivo*; (iv) *relatos de procedimentos*; (v) *relatos de opinião*. Em nossa pesquisa, desprezamos o tipo de texto como uma variável relevante para o fenômeno da redução de gerúndio.

Acompanha cada um dos inquéritos um relatório das condições de coleta das amostras de fala, composto de uma *Ficha Social* e de um *Diário de Campo*. No primeiro, constam os dados pessoais de cada informante (nome; data de nascimento; naturalidade; endereço; telefone; sexo; profissão; escolaridade; renda familiar e o nome do documentador). No segundo, estão descritos os comentários mais relevantes acerca da coleta da entrevista como: data da coleta; caracterização física do local escolhido; relação entre entrevistador e informante; disposição do informante para com a gravação; ocorrência ou não de intervenções de terceiros; entre outros. O acesso a essas informações torna-se relevante uma vez que pode servir de auxílio na análise dos dados.

O armazenamento digital das entrevistas contribui para sua boa qualidade acústica, o que é muito importante para a análise dos dados deste estudo. Para a prévia identificação das palavras nos contextos relevantes, contamos com a transcrição dos inquéritos, feitas a partir de um manual de transcrição ortográfica,¹ que visa à homogeneização do material escrito dos dados.

A nossa amostra foi constituída somente de entrevistas de narrativas de experiências (NE), produzidas por informantes de sexo feminino, cuja renda familiar é de até 10 salários mínimos (estratificados em duas faixas de renda: 1 a 5 salários e de 6 a 10 salários), pertencentes às cinco faixas etárias (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos) e os quatro níveis de escolaridade controlados (1º EF, 2º EF, EM e ES). Desse modo, nosso *corpus* é composto de 38 inquéritos (e não de 40 inquéritos, como esperado se multiplicarmos 2 faixas de renda x 5 faixas etárias x 4 faixas de escolaridade), pois ao cruzar informantes de 7 a 14 anos não é possível preencher a célula de nível de escolaridade superior.

Cabe justificar que a escolha dessas faixas etárias se baseou nos resultados apresentados por Mollica (1989) que, ao estudar o dialeto carioca, observa que informantes da segunda faixa etária, isto é, de 16 a 25 anos, realizam, para o gerúndio, a forma em “-ndo”, contrariando os resultados esperados, pois, de acordo com Naro (2003), os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social. A seleção de informantes pertencentes às faixas de renda familiar mais baixas que compõem o banco de dados (até 5 salários mínimos e de 6 a 10) se baseia na hipótese de esses informantes dessas faixas de renda representarem a maioria da população brasileira,² portanto, a fala desses informantes pode ser considerada representativa da variedade em estudo. A restrição a informantes do sexo

¹ Esse manual de transcrição baseia-se em algumas normas de anotação de *corpus* já conhecidas (cf. PRETI & URBANO, 1986; CASTILHO & PRETI, 1986, 1987; PAIVA, 1999).

²Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000; Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004-2006.

feminino se deve à necessidade de eliminarmos a variável qualidade de voz (masculino versus feminino) em nossa análise, assim, teremos uma amostra homogênea quanto aos parâmetros acústicos da fala a ser analisada. Cabe ainda justificar que a seleção de entrevistas classificadas como sendo narrativas de experiência justifica-se na afirmação de Tarallo (2001) que observa que, ao produzir esse tipo de narrativa, o informante, em geral, está menos atento à forma como produz seus enunciados.

No primeiro levantamento de dados feito por Ferreira (2007), foram identificadas todas as ocorrências de palavras com terminação em “-ndo”. Agrupamos, naquela pesquisa, os itens lexicais terminados em “-ndo” em classes gramaticais, segundo Cunha & Cintra, a saber: adjetivo, advérbio, substantivo, numeral e verbo. Além disso, os verbos se subdividem pela vogal temática (1ª, 2ª ou 3ª conjugação) e em presente do indicativo ou gerúndio. Obtivemos a seguinte classificação dos itens lexicais:

Quadro 1. Classificação dos itens lexicais

Tipos de itens lexicais		Exemplo de item lexical		
Adjetivo		Lindo		
Advérbio		Quando		
Substantivo		Mundo		
Numeral		Segundo		
Verbo (todas as formas)	1ª conj.	Mandando	Mando	Mandar
	2ª conj.	Vendendo	Vendo	Vender
	3ª conj.	Dormindo	Ø	Dormir

Após audição dos inquiridos de fala, constatou-se que o processo de redução aplica-se apenas nos verbos, quando “-ndo” indica gerúndio como em “falando”, “mandando”. Os dados obtidos são apresentados na tabela abaixo. Portanto, o processo fonológico ocorre apenas nesse morfema (não ocorrendo em formas como “*Fernano” ou “*quano”, respectivamente, “Fernando” e “quando”). Dessa maneira, constitui-se não um processo geral da fonologia do Português, mas um processo que se aplica apenas à forma verbal do gerúndio.

Tabela 1. Resultados da redução de gerúndio

Formas verbais	“-no”	“-ndo”
Gerúndio	310 (62%)	183 (36,6%)
Presente do indicativo	-	7 (1,4%)
Total	310 (62%)	190 (38%)

Os resultados de Ferreira (2007) mostraram que, no dialeto de São José do Rio Preto, 62 % das ocorrências pesquisadas de verbos terminados em “-ndo” há aplicação do processo fonológico investigado, em todas as faixas etárias e faixas de escolaridade, uma vez que os resultados apresentam maior percentagem no uso da forma “-no” para as variantes consideradas na pesquisa. Desse resultado, pode-se afirmar que a forma reduzida não é estigmatizada nesse dialeto.

Além disso, ao interpretarmos os dados, verificamos que o processo fonológico de redução, no dialeto da região de São José do Rio Preto, ocorre somente nos morfemas de gerúndio não atingindo então a raiz da palavra. Confirma-se, assim, a afirmação de Cristóvão Silva (1996) ao dizer que uma vez que esse processo se aplica a partir de informação morfológica dada pelo componente fonológico e morfológico e,

desse modo, o processo não levará a uma reorganização lexical, aplicando-se apenas nas formas de gerúndio.

A partir desses resultados, buscaremos estabelecer uma relação entre as características dos níveis do léxico e o morfema de gerúndio “-ndo”. Para iniciar a nossa análise, é preciso identificar a flexão de gerúndio dentro da FL. Uma vez que essa teoria é constituída em níveis, assumimos que as formas que terminam em “-ndo” estão em diferentes níveis do léxico, da seguinte maneira:

- a) no nível 1 (α), que trata de um nível derivacional, incluímos o que na gramática tradicional são denominados adjetivos, advérbios, substantivos e numeral terminados em “-ndo”;
- b) no nível 2 (β), que é o nível flexional, encontram-se os verbos terminados “em -ndo”, incluímos aqui as formas verbais de gerúndio e de primeira pessoa do presente do indicativo.

Argumentos que sustentam essa visão são dados a seguir, considerando-se o comportamento da regra de assimilação de “-ndo”, como a realização de “fazenu” para “fazendo”. Alguns pesquisadores tratam do fenômeno variável de redução da forma de gerúndio, com base em descrições de dados de algumas das variedades do PB. Assim, encontra-se um estudo variacionista como o de Mollica (1989), a partir de dados do Rio de Janeiro, um estudo de cunho fonético-fonológico como de Dalpian e Méa (2002), Cristóvão Silva (1996), a partir de dados de Belo Horizonte, entre outros.

Conforme propõem esses estudiosos, uma explicação satisfatória para quando ocorrem formas como [falãnu] é a consoante [d] assimilar os traços da consoante nasal [n] e esta, além de cumprir o papel de nasalizar a vogal precedente, também ocupa a posição de consoante inicial da sílaba final. Os processos que levam à forma reduzida ocorrem no nível β , como explicitado em (3):

- (3)
- | | |
|---------------|------------------------|
| [falar] | |
| [fal[a[ndo]]] | sufixação |
| [fal[ã[ndo]]] | nasalização |
| [fal[ã[nno]]] | assimilação |
| [fal[ã[no]]] | redução do “n” |
| [falãnu] | representação fonética |

Essa assimilação da consoante nasal pode ser formulada pela seguinte regra (cf. HERNANDORENA, 1999, p. 37):

$$(4) \begin{bmatrix} C \\ +nas \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \alpha \text{ ant} \\ \beta \text{ cor} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} V \\ +nas \end{bmatrix} \left[_ \right] \begin{bmatrix} C \\ \alpha \text{ ant} \\ \beta \text{ cor} \end{bmatrix}$$

No entanto, esse processo fonológico não ocorre em todas as palavras terminadas em “-ndo”, nem em todas as formas verbais, como se exemplifica a seguir:

(5)	[lindo]	[quando]	[mandar]	
	_____	_____	[mand]o]	sufixação
	[lindo]	[kuãndo]	[mãnd]o]	nasalização
	*[lĩno]	*[kwãno]	*[mãnn]o]	assimilação
	*[lĩnu]	*[kwãnu]	*[mãnu]	representação fonética
	\	/		
	Nível α		Nível β	

Em (5), as seqüências “nd”, no adjetivo “lindo”, no advérbio “quando” e no verbo “mando”, forma do verbo “mandar” na primeira pessoa do presente do indicativo, não se alteram para “n”, pois a regra vista em (4) é bloqueada. Note que os itens lexicais acima possuem contexto para que a regra formulada em (4) se aplique, ou seja, há consoante [+ nasal], /n/, seguida de um segmento [+ anterior] e [+ coronal], /d/. Entretanto, a regra não se aplica. É preciso notar que a consoante nasal /n/, no caso desses itens lexicais, encontra-se na raiz da palavra e não no morfema flexional, como ocorre nas formas de gerúndio. Explicita-se, portanto, que a regra não se aplica a toda seqüência “nd”, mas somente ao morfema de gerúndio, informação a ser expressa na regra de assimilação de gerúndio.

Sendo assim, neste artigo, defende-se que a regra de assimilação de “-ndo” não se aplica nos itens do nível α e nem a todos os itens do nível β do léxico, pois, nos dois casos, a regra é bloqueada pelo princípio de SP, uma vez que tal princípio prevê que somente os segmentos contrastivos de cada língua podem ocorrer durante as operações lexicais, determinando os tipos de regras fonológicas que podem se aplicar no léxico de modo que preserve a sua estrutura. Logo, segundo esse princípio não ocorrem formas como “*lĩnu” para “lindo”, no nível α , e nem “*manu” para “mando”, no nível β , uma vez que a aplicação da regra alteraria a estrutura do léxico. Desse modo, a redução de gerúndio é fenômeno fonológico que se caracteriza como uma regra lexical no nível β .

Em (6), explicitamos que a regra de assimilação aplica-se apenas às formas de gerúndio – como “mandando” ~ “mandano”, e não a outras formas verbais, como “mando”.

(6)	/manda+ndo/	/mand+o/	
	Nível β		
	mandando	mando	sufixação de β
	mãndãndo	mãndo	nasalização
	mãndãno	_____	assimilação
	mãndãno	_____	supressão de n
	Nível ω		
	mãndãnu	mandu	neutralização
	Representação fonética		
	[mãndãnu]	[mãdu]	

Em (6), apresentamos os vários processos fonológicos pelos quais as formas verbais passam até chegarmos à forma fonética. Assim, perpassamos toda a seqüência de processos que leva à assimilação. Deste modo, primeiro, os itens lexicais são atingidos pela sufixação, ou seja, a flexão regular dos verbos; segundo, os itens lexicais são atingidos pelo processo de nasalização; terceiro, a regra de assimilação aplica-se somente na forma de gerúndio, na medida em que os itens lexicais estão sujeitos ao princípio de SP e, dessa forma, a regra não se aplica aos termos do nível β que não teriam preservado a estrutura do léxico. Logo, o domínio da aplicação dessa regra lexical é o nível β , como ficou demonstrado acima.

Em resumo, acreditamos que, com base na Fonologia Lexical, organiza-se de maneira clara e satisfatória a interação da fonologia e da morfologia para ordenar a aplicação ou não das regras fonológicas, corroborando-se, assim, a visão segundo a qual a estrutura do léxico é composta de níveis e que, no PB, as regras lexicais se sujeitam aos princípios de SCC e SP.

Cabe observar que, nos dados levantados em Ferreira (2007), há itens lexicais que têm o contexto para a aplicação da regra, ou seja, morfema de gerúndio, porém, ela não se aplica de forma categórica. Veja em (7):

(7)	/brincando/	/sendo/	/conseguindo/
a)	[brĩkanu]	[sẽnu]	[kõsegĩnu]
b)	[brĩkãdu]	[sẽdu]	[kõsegĩdu]

Em (7), o falante utiliza tanto a forma reduzida (7a) quanto à forma não-reduzida (7b), ambas as formas aceitas pelo falante nativo. Portanto, essa regra de assimilação do gerúndio é variável apenas para as formas de gerúndio e é bloqueada para as demais formas (verbais ou não) que apresentam a seqüência “nd”. Sendo assim, para responder o que condiciona a aplicação da regra de assimilação de gerúndio, posteriormente, faremos uma análise dos fatores extralingüísticos, tais como: sexo, escolaridade, faixa etária e faixa de renda. Para desenvolvermos essa pesquisa, utilizaremos como base a Teoria Variacionista que visa à compreensão da língua em situações naturais de interação social.³ Somada a esta análise, mostraremos que, na variedade paulista estudada, a regra de assimilação afeta somente o forma de gerúndio “ndo”, de modo variável, condicionada por fatores sócio-lingüísticos.

3. Considerações finais

Esse trabalho tratou do comportamento variável das formas de gerúndio no dialeto da região de São José do Rio Preto (SP), em que a forma de gerúndio “-ndo” se alterna com “-no”, baseando-se nos pressupostos teóricos da FL.

No que se refere à aplicação da regra, identificamos que esse processo fonológico não ocorre em todas as palavras terminadas em “-ndo”, nem em todas as formas verbais, como se exemplifica nos vocábulos “lindo” ~ “*linu” (domínio: nível α) e “mando” ~ “*manu” (domínio: nível β). Esses itens lexicais têm contexto

³ A partir dos resultados de Ferreira (2007), Gonçalves (2008) apontou para uma correlação segura da variação com o fator *nível de escolaridade*, o que significa dizer, segundo o autor, que os índices de redução são inversamente proporcionais ao aumento do nível de escolaridade.

segmental para que a regra se aplique, porém, nota-se que a consoante nasal /n/, no caso desses itens lexicais, encontra-se na raiz da palavra e não no morfema flexional, como ocorre no gerúndio, por exemplo. Explicita-se, então, que a regra não se aplica na raiz das palavras, mas sim num morfema determinado. Sendo assim, a regra de assimilação de “-ndo” e, conseqüentemente, do morfema de gerúndio, segundo a FL, não se aplica aos itens do nível α nem em todos os itens do nível β do léxico, uma vez que a regra é bloqueada pelo princípio de SP.

Quando alguns itens do nível β , como as formas conjugadas no presente do indicativo com seqüências em “-ndo” (*vend+o*) não assimilam o traço de nasal, interpretamos que o bloqueio da regra está condicionado ao princípio de SCC da FL, pois se presume que as regras lexicais aplicam somente no ambiente definido; nas formas “lindo” e “mando”, o processo não se aplica nem no ambiente derivado nem no não-derivado.

Logo, argumentamos que o domínio de aplicação dessa regra de é lexical, uma vez que ocorre no nível β , no que tal regra se sujeita aos princípios de SCC e ao de SP, aplicando sem problemas nas formas de gerúndio e sendo bloqueadas nas outras formas em que o fonema [d] encontra-se na raiz do item lexical, como em “mando”.

Verificamos também que a regra de assimilação do gerúndio é uma regra variável, uma vez que o processo pode não se aplicar mesmo havendo contexto para a assimilação, isto é, para os vocábulos “brincando”, “sendo” e “consequindo”, alternam-se a pronúncia, respectivamente, entre “brinca[nu]” ~ “brinca[ndo]”, “se[nu]” ~ “se[ndo]” e “consegui[nu]” ~ “consegui[ndo]”, evidenciando assim que a aplicação da redução não é categórica.

Sendo assim, é importante salientar que a análise fonológica dos resultados da pesquisa sobre a redução do gerúndio na variedade do interior paulista à luz da teoria da Fonologia Lexical configura-se satisfatória, uma vez que organiza de maneira clara a interação da fonologia e da morfologia de modo a ordenar a aplicação ou não das regras fonológicas, por meio do pressuposto de que a estrutura do léxico é composta de níveis.

As considerações aqui apresentadas não têm pretensão de esgotar os estudos acerca da redução do gerúndio, tomando-se como arcabouço teórico a FL. No entanto, almejamos contribuir para uma descrição do léxico do Português Brasileiro de modo geral, e com a descrição do comportamento do gerúndio em uma variedade do Português.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Elocuções Formais*. vol. I. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1986.

_____. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Diálogos entre informantes*. vol. II. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1987.

CRISTÓFARO SILVA, T. Fonologia: por uma análise integrada à morfologia e à sintaxe. *Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas*. Anais da 2ª Semana de Estudos Portugueses. v. 2, p. 56-65. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996. Disponível em: www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/2semana2.doc. Acesso em: 10 out. 2006.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DALPIAN, L.; MÉA, C. H. de P. D. *Do latim ao português: estudos fonético/fonológico*, 2002. Relatório de pesquisa referente ao Edital 05/2001-PRPGP. Disponível em: www.unifra.br/professores/laurindo/versãofinalpesquisa2002.doc. Acesso em: 10 out. 2006.

FERREIRA, J. S. *A redução do gerúndio na variedade de São José do Rio Preto*. Relatório de iniciação científica. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. UNESP/IBILCE, 2007.

GONÇALVES, S. C. L. A relevância de variáveis sociais em fenômenos variáveis na fala do interior paulista. Trabalho apresentado durante o I SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, São Paulo: UNICSUL, 2008.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p. 11-79.

IBGE – Censo Demográfico 2000: Características da População e dos Domicílios: Resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>. Acesso em: 10 de out. de 2006.

IBGE – Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm>. Acesso em: 10 de out. de 2006.

KIPARSKY, P. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2. p. 85-138, 1985.

LEE, S. H. Fonologia Lexical do Português, em: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 23, Campinas: Unicamp - IEL, 1992.

_____. Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil. Tese de Doutorado Unicamp - IEL Campinas, 1995.

MOLLICA, M. C. Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica. *Estudos Lingüísticos XVII Anais de Seminários do GEL*. São Paulo, 1989.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. da C. (Org.) *Amstras do Português Falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, 1999.

PRETI, D.; URBANO, H. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Entrevistas*. vol. III. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1986.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.